

The background of the cover is a black and white ink-style illustration of a desolate, mountainous landscape. A lone figure stands on a ridge in the distance. The foreground shows rocky, uneven terrain. A large, dark, diamond-shaped graphic is superimposed over the center of the image, containing the title and author's name.

# A MORTE DA TERRA

J.H. ROSNY Aîné

Tradução Julia da Rosa Simões  
Ilustrações Rodrigo Rosa





UM  
MERGULHO  
MAIS PROFUNDO

Contextualização do autor, da obra e do gênero

DENTRE TODOS OS GÊNEROS FICCIONAIS DA LITERATURA, nenhum se vincula tão diretamente à história do conhecimento e da tecnologia humana como aquele que, em fins do século XIX, foi apropriadamente batizado de romance de ficção científica (ou simplesmente FC, como seria apelidado). Por se basear nas possibilidades quase infinitas abertas pela imaginação, logo que surgiu, a FC seduziu jovens do mundo inteiro e não tardou a inspirar grandes cineastas. Oferecendo literatura de alta qualidade, o gênero também causou impacto entre intelectuais ao apontar caminhos que a ciência estava percorrendo ou que, mais cedo ou mais tarde, iria percorrer. Mesmo assim, até hoje os historiadores da literatura discutem quando a FC surgiu e quais foram os seus pioneiros. Os dois mais notáveis, Jules Verne (1828-1905) e H. G. Wells (1866-1946), têm seus livros constantemente retraduzidos e republicados em belas edições que enfeitam as vitrines das livrarias e atraem milhões de novos leitores no mundo inteiro. Enquanto isso, o autor de *A Morte da Terra* permanece injustamente nas sombras, desconhecido pela maioria. Talvez porque, ao contrário dos livros de Verne e Wells, que, em geral, costumam fazer uma ode à tecnologia e ao ser humano oferecendo aventura e entretenimento, a obra de Rosny Aîné busque alertar e mostrar que, ao disporem de tecnologia, todos os humanos de todos os tempos se tornam perigosos.

Cem anos depois de publicada, a distopia que você tem nas mãos está mais atual do que no dia em que foi lançada. Enquanto as florestas queimam e as águas evaporam, o legado de J. H. Rosny Aîné, de uma maneira perturbadora e perversa, traz à tona o problema agonizante e extremamente atual da sobrevivência humana e da perpetuação da vida.

Assim como o nome com o qual assina seus livros, o autor de *A Morte da Terra* é considerado incomum e paradoxal. Rosny,

Rosny Ainé, Rosny Aîné, Rosny aîné, Rosny-Aîné, Rosny Aine. Todas essas variantes são encontradas em diferentes edições literárias e colaboram ainda mais para mostrar o quanto estamos diante de um autor singular – e ao mesmo tempo plural. A marca “J. H. Rosny” veio antes de “J. H. Rosny Aîné” e nasceu como um pseudônimo. Não apenas o pseudônimo de um escritor, mas de dois: os irmãos Joseph-Henri Boëx e Séraphin-Justin-François Boëx. Dois irmãos nascidos em Bruxelas, na Bélgica, e em cuja árvore genealógica brotavam franceses, holandeses e espanhóis. Dois irmãos separados por três anos de idade, o primeiro de 1856 e o segundo de 1859, mas unidos pelo amor à escrita. Dois cérebros que criavam e publicavam histórias juntos, mas que na assinatura traziam as iniciais de apenas um deles: J. H.

**Figura 1** – Os irmãos Rosny em 1893: Joseph-Henri Boëx (em pé) e Séraphin-Justin-François Boëx (sentado)



Fonte: Fotografia de Dornac - Domínio Público

Quando os irmãos chegaram a Paris, em 1883, fundidos em um mesmo escritor, todos acharam que se chamavam mesmo Rosny. Mas a família francesa que detinha esse sobrenome, restrita e orgulhosa, reagiu enfaticamente dizendo que aqueles dois belgas não faziam parte de seu clã. Foi então que os falsos Rosnys explicaram: o pseudônimo fora inspirado pela lembrança de um passeio que o mais velho fizera ao belo vilarejo de Rosny-sous-Bois nos arredores de Paris. Além disso, o Boëx de berço não era muito simpático e sonoro para assinar seus livros.

Durante 21 anos, eles foram dois irmãos literária e literalmente misturados, siameses das letras. Entre outros gêneros, J. H. Rosny produzia romances sociais, contos e ensaios. Mas foi na ficção científica – a verdadeira paixão do mais velho e na qual ele depositava todo seu talento – que o nome Rosny ganhou projeção. Em 1887, foi publicada, de forma independente, a primeira narrativa de ficção científica que trazia J. H. Rosny estampado na capa: uma narrativa curta chamada *Os Xipéhu*, que pela primeira vez na história da literatura apresentou seres não antropomórficos – extraterrestres com uma forma diferente da humana. Isso foi considerado tão original que, até hoje, *Os Xipéhu* é tida por muitos estudiosos da FC como a “primeira história de ficção científica moderna”.

Em 1892, outra inovação: *Vamireh* foi primeiro romance de ficção pré-histórica da literatura e que, sem dúvida, surgiu do interesse que Joseph-Henri, o mais velho, tinha pelos primórdios da raça humana (e que anos depois o faria criar o maior sucesso de sua carreira individual, *A Guerra do Fogo*). *Vamireh*, seguido um ano depois por *Eyrimah* – que se passa há 6.000 anos na Suíça –, teve uma recepção tão calorosa do público que até seus autores ficaram espantados.

Aos curiosos, que não cansavam de perguntar como se dava o processo de criação coletiva dos irmãos, Joseph-Henri dizia

que tinham uma regra: os livros eram iniciados ora por um, ora por outro, e terminados pelo que não participara da redação inicial. Mas aqueles que os conheciam mais profundamente não disfarçavam uma suspeita: todas aquelas obras, principalmente as de ficção científica e as pré-históricas, pertenciam muito mais a Joseph-Henri do que a seu irmão mais novo. Ecoava pelas páginas, de forma clara, o brilho, a desenvoltura intelectual, a erudição, a fluidez e todo o conhecimento científico próprios do mais velho.

Joseph-Henri era dono de uma curiosidade insaciável e de uma espantosa memória. Exímio observador, gostava de contar que antes de chegar à capital francesa, quando trabalhara nos telégrafos de Londres, entre 1874 e 1883, recebia mensagens que revelavam segredos cujos detalhes deixariam corados até os menos puritanos. Foi em Londres, também, que ele assistiu a palestras darwinianas, que se interessou mais ainda pela pré-história, que acompanhou as pesquisas de físicos ingleses e que se dedicou tanto à ciência que passou ele mesmo a assinar artigos científicos. O mais velho dos Rosny foi um autodidata. Um autodidata brilhante cuja mente se abria e se adaptava a tudo. Ao mesmo tempo, tinha uma capacidade de trabalho quase ilimitada.

Era uma figura tão interessante que, em 1898, já totalmente adaptado a Paris, tornou-se amigo íntimo de grandes pesquisadores franceses, entre eles Marie e Pierre Curie. E foi justamente em dezembro de 1898, no modesto laboratório desse casal, que um acontecimento revolucionário mudou os rumos da ciência: os Curie, junto com o também cientista Gustave Bémont, descobriram o *radium*, ou Ra, ou simplesmente rádio - o elemento químico mais "radioativo" isolado até então, 2.000 vezes mais potente que o urânio. Uma década mais tarde, J. H. criaria sozinho *A Morte da Terra*, e nele escreveria:

“Em épocas muito distantes, nos primeiros tempos da era radioativa, já se observava a diminuição das águas: muitos cientistas previam que a humanidade morreria devido à seca. Mas que efeito essas previsões podiam ter sobre povos que viam montanhas cobertas de geleiras, inúmeros rios percorrendo as terras, mares imensos banhando os continentes?” (p. 27).

Além de citar a “era radioativa”, esse trecho também impressiona porque nele Rosny Ainé parece prever o futuro ao descrever as pessoas que atualmente negam o aquecimento global.

Descobertas científicas como a do rádio geravam sentimentos contraditórios nesse Rosny: elas despertavam admiração e também aversão, elas o interessavam, mas também o inquietavam. Para ele, o estranho animal vertical (como se referia aos seres humanos) era um ser terrível, que quanto mais descobrisse, mais ferramentas teria para apressar sua (auto)destruição.

Não é de se estranhar, portanto, que, ao criar *A Morte da Terra*, sem a participação de seu irmão, ele também previsse algo parecido com o que daria origem à bomba atômica. Quase no fim do livro, podemos ler:

“Depois, o planeta deixou o homem prosperar: seu reino foi o mais feroz, o mais poderoso — e o último. Tornou-se o prodigioso destruidor da vida. As florestas morreram e seus inúmeros moradores foram exterminados ou degradados. Houve uma época em que as energias sutis e os minerais obscuros também pareciam escravizados. O vencedor se apoderou até mesmo da força misteriosa que une os átomos.” (p. 119).

*(Lembrando que somente em 1938, 28 anos depois do lançamento de A Morte da Terra, Otto Hahn e Fritz Straßmann descobriram a fissão nuclear e quatro anos mais tarde o projeto Manhattan, na Universidade de Chicago, conseguiu realizar a primeira reação em cadeia de fissão nuclear, com o objetivo de construir a primeira bomba atômica.)*

Apesar do pessimismo com a raça humana que tantas vezes transparece nas suas narrativas, isso não significa que Joseph-Henri tenha sido um homem mal-humorado ou antissocial. Ao contrário. O crítico francês Georges Casella assim o descreveu no início do livro *Célébrités d'aujourd'hui: J.H. Rosny. Biographie critique* (As celebridades de hoje: J. H. Rosny. Biografia crítica), publicado em 1907 em Paris:

“O mais velho tem o rosto estranho que as gravuras eslavas dão ao Cristo ortodoxo. É quase calvo, apesar dos cabelos castanhos que parecem formar uma nobre coroa na sua prodigiosa testa. Fala com lentidão, com as pálpebras meio fechadas, a balançar a mão direita e numa voz cantarolada, um pouco monótona. Quando o ouvimos, surpreende-nos a sua ciência. Não ignora nada. O menor fato é pretexto para dissertações, e termina-as com rapidez e verdades inesperadas sob a forma de extraordinários paradoxos.”

A partir de 1904, os irmãos seguiram carreiras separadas. Mas ao ser desfeita a dupla, veio a questão: quem ficaria com o pseudônimo? Inteligentes, agregaram ao nome literário diferentes “adjetivos” para que ambos pudessem seguir sendo J. H. Rosny. Joseph-Henri passou a assinar como J. H. Rosny Aîné (“mais velho” em francês) e Séraphin-Justin-François autointitulou-se J. H. Rosny Jeune (“jovem”).

“Os meus melhores livros... eu os fiz sem o meu irmão”, confessaria J. H. Rosny Aîné na velhice. E de fato não há como negar: aqueles que são considerados os seus quatro melhores romances foram publicados depois que a parceria literária chegou ao fim: *A Morte da Terra* (1910), *A Guerra do Fogo* (1911), *Os Navegadores do Infinito* (1925) e *Os Companheiros do Universo* (1934).

Em sua viagem solo, Rosny Aîné adentrou mundos distópicos armado com todo o seu conhecimento científico. E mesmo que, na história da literatura, os títulos mais festejados da ficção científica sejam aqueles assinados por Jules Verne e H. G. Wells, sempre que pesquisadores se aprofundam nas raízes e nos meandros desse gênero, descubrem que J. H. Rosny Aîné estava não apenas um passo à frente desses dois célebres autores, como também que se houvesse um teste de DNA para provar quem é o verdadeiro pai da ficção científica, ele com certeza estaria no páreo.

O trabalho de Rosny foi pioneiro na criação de seres não antropomórficos, no acasalamento de um humano com uma extraterrestre, na criação de transumanos muito antes de se falar em robôs, androides ou fertilização *in vitro*. Além disso, em suas obras há uma linha tênue separando (ou seria melhor dizer unindo?) sua ficção de sua realidade.

A vida real sempre parece ter sido uma fonte de inspiração para Joseph-Henri. Tanto que quando tinha onze anos escreveu um texto chamado “Associação das crianças livres”, que seu pai destruiu, escandalizado e enfurecido porque o filho tinha escrito a história de crianças que foram viver em uma região selvagem para se livrarem da “perseguição paterna”. Além disso, como nos conta Eduardo Bueno em seu posfácio, as tribos primitivas sempre fascinaram Rosny Aîné, que, adolescente, queria viver entre os indígenas das florestas do Canadá. Tal sonho,

no entanto, nunca se realizou e a exploração de terras remotas e lugares inóspitos acabou ficando restrita à imaginação e, conseqüentemente, à literatura.

Em 1910, aos 54 anos, Rosny Aîné realizou sua maior viagem ao futuro. Na bagagem, colocou a paixão pela ciência, o desencanto com a raça humana e a crença de que a perpetuação da nossa espécie não seria perene. Novamente, como na sua primeira história de ficção científica, apresentou um ser não antropomórfico: os ferromagnetos. Ao lançar *A Morte da Terra*, Rosny Aîné mais uma vez foi na contramão de Verne e Wells e mostrou o ser humano como aquele que foi derrotado, vencido por sua própria arrogância. No livro que você acaba de ler, o autor parece querer provar que somos apenas intermediários. Talvez influenciado por Darwin e focado na constante evolução, Rosny Aîné anteviu que um dia haveria um ser adiante de nós, não vindo de outro planeta, mas nascido na Terra.

Ou seja: para o autor deste livro, o fim da humanidade não seria o fim da vida terrestre. Nesse sentido, o título *A Morte da Terra* soa um tanto exagerado diante daquilo que J. H. concebeu. Porque o que ele nos apresenta aqui é a morte dos seres humanos, a extinção dessa espécie moribunda, desolada e deprimida. Essa raça destruidora que, no livro, de maneira calada e constante, é expulsa - ou transmutada - pelos ferromagnetos.

Nascidos do excesso de tecnologia, frutos da ganância humana, os ferromagnetos são seres minerais primitivos que, num primeiro momento da história, não parecem ser uma grande ameaça. Mas eles se adaptaram e se espalharam pela superfície da Terra, principalmente porque, no lugar de beber água, sugam ferro.

Em suas meditações científicas, é possível que Rosny Aîné tenha, em algum momento, se deixado levar por reflexões mais profundas sobre o elemento *Fe* da tabela periódica: o ferro que

a partir de 1200 a.C. foi responsável por criar armas mais poderosas e exércitos mais resistentes, que ergueu pontes firmes e tornou as fortalezas intransponíveis, que prendeu os inimigos em calabouços fechados atrás de suas barras maciças.

No capítulo 2 do livro, Rosny Aîné dedica-se a descrever com detalhes os ferromagnetos, demonstrando que a ciência era uma fonte de criatividade na qual ele matava sua sede. Nos capítulos que vêm logo depois, os ferromagnetos seguem presentes, mas como uma ameaça coadjuvante, como aqueles que não têm pressa de conquistar seu espaço. E enquanto eles avançam lentamente pelas páginas, a narrativa aponta seus holofotes para Targ, o personagem principal.

Targ possui a força das águas remotas, que na história não mais existem. É incansável, sonhador, corajoso. E ao contrário dos ferromagnetos que crescem a partir da união, Targ se vê sozinho no fim. No final, aliás, Rosny Aîné preferiu inserir uma frase derradeira que, assim como o protagonista de sua história, traz esperança: da união dos ferromagnetos com Targ virá a Vida Nova. Para os estudiosos de suas obras, uma das contribuições mais significativas do autor é justamente ele ter previsto a chegada do pós-humano. Rosny olhou sem medo para a inevitabilidade da extinção da humanidade ou de sua evolução para uma forma pós-humana. E isso é mais uma prova de que ele ocupa lugar de destaque no panteão dos pioneiros.

Apesar do fim aparentemente triste, *A Morte da Terra* não deveria ser vista como uma obra pessimista. Há nela um quê de esperança, já que foi escrita por alguém que acreditava na permanência do cosmos para além dos delírios egocêntricos de uma espécie que se julga superior. O valor deste livro não se limita somente à moral de que “os destruidores serão destruídos”, a mostrar o que poderá acontecer se não cuidarmos

da nossa “casa”, a exaltar a água como um bem natural que não é inesgotável. O valor de *A Morte da Terra* está também na riqueza estilística de sua narrativa, nas palavras novas apresentadas (o próprio termo “ferromagneto” é um neologismo, criado por Rosny Aîné) e nas invenções antecipadas por ele. Lembrando mais uma vez que o livro foi publicado em 1910, pode-se dizer que, assim como nos escritos de H. G. Wells, J. H. previu dispositivos tecnológicos que só seriam inventados muitos anos depois. Um exemplo é quando Targ se comunica por meio de um aparelho que se parece com um telefone celular:

“Targ levaria um ondífero móvel, que podia receber e transmitir a voz humana a mais de mil quilômetros.” (p. 99).

Em 1925, no romance *Os Navegadores do Infinito*, Rosny criou outros seres similares aos ferromagnetos, os quais batizou de zoomorfos. Foi neste livro que, pela primeira vez, surgiu o termo “astronáutica”, dando origem à palavra “astronauta”: “A astronáutica é a ciência que tem por objetivo dar ao homem a possibilidade de evadir-se da Terra e, desse modo, poder viajar à sua vontade por todo o espaço celeste”, escreveu ele.

Viajar até mundos futuros, adentrar universos paralelos e inventar cenários alternativos de maneira racional estão entre as principais características do romance de ficção científica. Em suas narrativas são encontrados elementos imaginários inspirados em fatos reais e princípios científicos, mesmo que o enredo permaneça fantasioso. No entanto, os escritores de FC, como qualquer outra pessoa, podem escolher entre promover ideias já existentes e verdades dominantes ou evocar o que é radicalmente diferente e considerado até mesmo surreal. J. H. Rosny Aîné preferiu o segundo e mais arriscado caminho.

Ao longo de sua vida, foram cerca de 150 obras escritas, algumas em parceria com seu irmão, mas a maioria criadas individualmente. Dentre esse amplo universo, o neto do escritor lembra de ter ouvido do avô, poucos dias antes de sua morte, as seguintes palavras: “Se eu pudesse, em toda a minha carreira, escolher um único livro para salvar, seria *A Morte da Terra*.”

Joseph-Henri Böex, ou J. H. Rosny Aîné, partiu em sua derradeira viagem no dia 11 de fevereiro de 1940, seis dias antes de completar 84 anos, vítima de um ataque cardíaco. Quarenta anos após a sua morte, em 1980, foi criado na França um importante prêmio literário que, anualmente, escolhe os melhores romances de ficção científica publicados no ano anterior: o Prêmio Rosny Aîné. O nome dessa distinção mantém viva a memória daquele que, como certa vez disse o escritor francês Edmond de Goncourt (1822-1896), “de todas as mentes que conheço é a mais disposta a produzir algo original e poderoso”.

E de fato: todo aquele que ler *A Morte da Terra* e captar sua mensagem não poderá duvidar que esteve diante de algo “original e poderoso”.

## **A EDIÇÃO BRASILEIRA DE A MORTE DA TERRA**

*A Morte da Terra* é originalmente um romance francês que, nesta edição brasileira da Editora Piu, foi traduzido por Julia da Rosa Simões. Julia é Doutora em História pela UFRGS e tradutora desde 2004, com mais de cem traduções de livros de língua francesa para editoras brasileiras e estrangeiras em gêneros variados - romance, conto, biografia, crítica literária, história, filosofia, quadrinhos e divulgação científica. Tem experiência de pesquisa na área de História, em especial sobre a relação entre história e memória e o estudo das manifestações de luto e trauma nas narrativas historiográficas. Ao traduzir *A Morte*

*da Terra*, Julia manteve o estilo de J. H. Rosny Aîné e realizou pesquisas sobre termos científicos para se manter o mais fiel possível às descrições do autor original, em especial quando ele descreve a criação dos ferromagnetos. Sem perder o estilo e a essência de Rosny Aîné, Julia procurou tornar a linguagem atraente ao público jovem.

Esta edição tem ilustrações de Rodrigo Rosa. Rodrigo é cartunista, chargista, ilustrador, quadrinista e jornalista. Já recebeu mais de 20 prêmios em salões de humor no Brasil e no exterior e é conselheiro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB) desde 2004. Realizou adaptações para os quadrinhos de obras como *Os sertões*, *Dom Casmurro*, *O cortiço*, entre outros. Ao ilustrar *A Morte da Terra*, Rodrigo buscou um traço com referência nas graphic novels, gênero que tem nos jovens o principal público.

## **O GÊNERO ROMANCE**

Por que *A Morte da Terra* é um romance e não uma novela? No romance, tudo é mais denso e lento, temos uma ambientação social e principalmente psicológica, já na novela tudo é mais econômico e sintético e ela tende a ter mais ação do que reflexão. Apesar de o livro que você acaba de ler não ser um romance extenso, ele apresenta características que, nitidamente, o enquadram como um romance.

“Um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema da inadequação de um personagem ao seu destino e à sua humanidade. (...) Nele sempre permanecem as virtudes irrealizadas e as exigências não satisfeitas. Há um porvir, e este porvir não pode deixar de se referir à imagem do homem, de ter suas raízes nele.” (Bakhtin, 1998).

Há vários tipos de romances: românticos, realista, modernos, pós-modernos e de ficção científica, caso do livro *A Morte da Terra*. Sua maior distinção em relação aos outros está relacionada com a especulação, ou seja, ele apresenta uma sociedade inexistente, projetada no futuro, e imagina como seria a vida nela, seus problemas, o comportamento dos indivíduos nela existentes. De resto, temos a narrativa de um acontecimento, feita num tempo determinado, num local determinado, embora imaginário, desencadeado por uma determinada causa, vivenciado por personagens dentre os quais temos o protagonista, aquele que, a exemplo do herói das epopeias, vai aceitar os desafios que aparecem e vai sair em busca de vencê-los.

O termo “romance de ideias” foi cunhado para designar narrativas nas quais o autor busca defender uma causa por meio de uma história. Seria a obra de Rosny uma longa fábula em defesa da preservação dos recursos naturais? Vale aqui uma relação de Rosny com um fenômeno contemporâneo a ele, mas que é quase seu oposto: o movimento naturalista, cuja característica central é o romance de ideias.

Mesmo sendo uma obra de ficção, por ter sido escrita no início do século 20, temos em *A Morte da Terra* o que chamamos herói moderno, aquele que não é definido pela força física, nem pelo auxílio recebido dos deuses, mas pela força do caráter. Ele é uma pessoa, se assim o pudermos chamar, comum, ele tem medos, sucumbe a tentações, às vezes é derrotado, mas os seus valores e o seu caráter o ajudarão a enfrentar os perigos e os obstáculos.

Embora não haja dúvida de que a obra de Rosny possa ser classificada como romance de ficção científica, ou seja, uma narrativa de especulação acerca do futuro planetário embasada em descobertas da ciência, uma literatura de ideias, seu

romance pode mobilizar a imaginação de todos os tipos de leitores, voando além das fronteiras desse gênero, devido ao tratamento épico que ele lhe empresta.

Paula Taitelbaum  
Escritora e editora  
Fevereiro de 2021

